**FREUD: NOSSO CONTEMPORÂNEO?**



**Oferecimento Max Diniz Cruzeiro – LenderBook Company**

Mesa de discussão, realizada pela Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb), com apoio do ICPD/UniCEUB.

Hoje, 6 de maio, Freud completaria 159 anos. Para comemorar essa data, a SPBsb está realizando este evento, que visa discutir a atualidade do pensamento freudiano, clínico e teórico, frente às transformações da sociedade contemporânea.

Palestrantes convidados:

          Ignácio Alves Paim Filho, psiquiatra e psicanalista, membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), autor de vários trabalhos, versando sobre a metapsicologia freudiana, e alguns livros, entre eles:

o    “Novos Tempos, Velhas Recomendações - Recomendações Sobre a Função Analítica (1912-2012);

o    "Freud 100 anos depois”

o    “Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte”.

         Meire Marize Dias, socióloga e psicanalista, diretora clínica do Anankê Centro de Atenção a Saúde Mental;

         Maria Fátima Silveira dos Santos, psicóloga e psicanalista, membro da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

Data e hora: Sexta-feira, 8 de maio, às 20h30.

Local: Auditório do Bloco 3, Campus UniCEUB Asa Norte.

Sigmund Freud mudou a forma de ver o ser humano e a própria relação entre os seres humanos cujos reflexos podem ser escalonados até o dia de hoje. Diante de seu espírito de dialético Silveira traz para a fronte do pensamento de quem procura refletir sobre um questionar de sua existência uma proposição:

**É MESMO FREUD UM ELEMENTO ATIVO DA CONTEMPORANEIDADE?**

Seria o evento um tributo ao fundador ou a capacidade de resolver desafios da psicanálise? Qual é o tempo de Freud e o nosso tempo? São indagações desafiadoras não menos expressivas que a pergunta principal que deve nortear nossos pensamentos nas horas seguintes.

Freud viveu em meados do século XIX e veio a falecer no século XX no ano de início da segunda guerra mundial. Em 1914 encontrava-se em plena produção acadêmica. Em 1914 escreveu Artigos sobre a técnica - Recordar, repetir e elaborar. Em 1917 escreveu Luto e Melancolia (Em plena Revolução Russa).

Sua fase como grande mentor de transformações sociais para a contemporaneidade de sua época permite segundo os estudos de Eric Hobsbawm codificar sua trajetória de vida dentro da era da pós-modernidade que iniciou logo depois de 1914. Em um período anterior, em 1908, Freud escreveu sobre a Moral Sexual ‘civilizada’ e a Doença Nervosa Moderna.

Freud quando falava em civilização estava falando da modernidade em que estava inserido. O médico Freud visualizava a ciência como um instrumento para a busca da felicidade humana.

Com o mal estar da civilização, vista na degradação do mundo civilizado sobre conceitos de segmentação entre pessoas, o antissemitismo, a intolerância, a discriminação da mulher, Freud passou a observar no confronto entre a corrupção e a modernidade uma perda do projeto de igualdade que fosse produzida através da razão, o que declinou sua posição inicial de que a ciência de sua época seria propulsora das transformações em que as sociedades humanas necessitariam para construir sua prosperidade.

Freud visualizada para o padrão das normas do seu tempo um contencioso que tinham o sentido antagónico à igualdade. O espaço da mulher de sua época era o lar e o homem era destinado ao vínculo empregatício ligado aos meios e fatores de produção.

O grande divisor de águas para o mundo do final de sua época parecia encaixar dentro da quebra de três paradigmas em que Freud fechava o ciclo ao romper definitivamente com o modelo de pensamento de uma era.

Nicolau Copérnico (Toruń, 19 de Fevereiro de 1473 — Frauenburgo, 24 de Maio de 1543) ao provar que a terra não era o centro do universo deu início à mudança do homem de se posicionar em relação ao mundo.

Em seguida Charles Robert Darwin, FRS (pronúncia inglesa: /'dɑː.wɪn/; Shrewsbury, 12 de fevereiro de 1809 — Downe, Kent, 19 de Abril de 1882) ao pronunciar que o homem descendia do macaco proporcionou o segundo rompimento no eixo imaginário do ser humano.

E fechando o ciclo de mudança Sigmund Schlomo Freud (Freiberg in Mähren, 6 de maio de 1856 — Londres, 23 de setembro de 1939) quebrou o paradigma da razão ao afirmar que a razão não era o que movida o homem.

O panorama das ideias que revolucionavam o mundo no inicio do século XX degradava o século anterior sobre concepções da não ligação com o Divino, dos fundamentos de Friedrich Wilhelm Nietzsche (Röcken, 15 de Outubro de 1844 — Weimar, 25 de Agosto de 1900) ao afirmar que Deus está Morto. E, sobretudo do materialismo de Karl Heinrich Marx (Tréveris, 5 de maio de 1818 — Londres, 14 de março de 1883).

Estas formas de estar socialmente foram sustentadas por utopias sociais, em que a noção de igualdade era o propulsor que levava muitos indivíduos a nutrir tais ensinamentos. Os esfacelamentos da moral do século XIX muito contribuíram para que novas fontes de conhecimento emergissem para o seio da sociedade.

Então era possível a verificação de um cinismo social onde os arquétipos considerados negativos eram colocados à margem do olhar coletivo enquanto os respaldos dos valores sociais enchiam a expressão de quem colaborava para a própria degradação social (panorama de uma época).

Então tais movimentos imaginários que brotavam da corpulência do ego faziam com que os indivíduos desejosos de saírem de sua própria armadilha de fracasso psíquico pela busca do amparo divino apresentando-se muitas vezes na forma de simpatia com o fundamentalismo e com o autoritarismo (tendência puritana da época).

A consequência direta desta época que a relação do homem com o padrão de sanidade acabou por criar um elo de transcrição de tratamento do sofrimento através de processos anestésicos que concentrava na busca do psicotrópico ou da droga ilícita.

Os pacientes de nossa contemporaneidade desenvolveram o vazio na busca da utopia pelo mundo igualitário. Em que se somam muitos desníveis que se constatam uma tentativa de mascarar um problema milenar em que o homem se crê bem resolvido de seus problemas e não dá importância para a sua auto degradação do inconsciente em que sua inquietude é observada através de picos de saturação onde o homem não consegue mais se suportar. É neste estágio que os sujeitos exilados da utopia chegam aos consultórios de hoje (século XXI).

A crise não é da psicanálise e sim do psicanalista. Nós devemos ouvir a falência da lei, do desmentido, do desejo narcísico e anielantes. A grande questão que se faz em relação ao passado com foco no presente é quanto à estrutura do conhecimento Freudiano se há novas recomendações do sofrimento não gerenciadas para as gerações seguintes?

Os últimos quatro textos das obras Freudianas traziam recomendações para as próximas gerações. Freud afirmava em 1937 que a psicanálise não podia ser constrangida e vencida pelas forças que integram o masoquismo, repúdio e a estruturação psíquica sentida pelo recalque.

Ao afirmar que todos somos normais em média foi uma questão de denotar uma predisposição do encontro com o desenvolvimento psíquico em relação à história. Em que as relações a serem analisadas ancoravam sobre o retorno do recalcado, o retorno do desmentido e o retorno do projetado.

A transferência do analista que não é a resistência, para um leito transferência é o ato de ressignificar um elemento de si a partir da coleta de informações de outro que se transpõem para o indivíduo-paciente como uma solução para um conflito visualizado externamente ao conflito do indivíduo-paciente. Que é um poderoso instrumento de retomada do equilíbrio por parte de quem sofre e não consegue por si só ajustar o seu psiquismo.

O psicanalista tem sua função analítica comprometida e centrada na escuta do respaldo do tratamento e do recalcamento e o não representável é possível ser configurado pela representação flutuante sem psiquismo.

Se numa situação hipotética em que o analista ao se encontrar de forma acidental com um paciente em área de circulação de pessoas de uma cidade, e o paciente ao sentir a aproximação promove um engajamento por sobre a necessidade de comunicação e partilha de sinais e signos e ao se projetar pelo sentido de gozo da identificação com o analista resolve inconscientemente ir ao consultório em data não determinada pelo contrato entre as partes, e ao denotar a indiferença do analista quanto à confusão cronológica de seu paciente, seja suficiente para gerar um constrangimento em decorrência do transtorno, e o emocional do paciente passa a afetar o equilíbrio da convivência entre as partes. Em que a fúria do paciente em não se atendido se projeta como elemento de desagregação do relacionamento formal sobre a psique do analista que passa a perseguir sobre si a justificativa que levou ao rompimento da relação de trabalho, por parte do psiquismo projetado do paciente que tinha um passado de construções persecutórias.

A questão relevante a se fazer quais as consequências psíquicas desta separação para as partes envolvidas? Seriam colonizadas pela significação desmentida? De que forma deveria ser encarada a frustração do analista? Recusar ou não desmentir é não permitir que o juízo de consequência tenha existência?

É possível que o contato entre grupos, também da observação do analista, permita mesmo que sem contato prévio determinar um crescente aprofundamento das reverberações em relação ao senso crítico do analista, uma vez que a função analítica é uma função de escuta, de atenção flutuante, de balização de traços recalcados, subversões que vêm a superfície e são capazes de gerar e manter a realidade.

É a atenção flutuante do analista que permite o desenvolvimento de uma escuta fundamental e específica.

Assim 159 anos desde o nascimento de Freud é algo que o atual mundo contemporâneo tem a obrigação de refletir sobre suas realizações. Todos nós sabemos que não há uma única e definitiva resposta para os fatos. Não devemos simplificar as coisas e partir para a ampliação dos horizontes científicos.

A genialidade de Freud o tornou um dos maiores pensadores de sua época ao racionalizar o ser humano como um sujeito e ao mesmo tempo um ser social. Freud não desenvolvia sua ideia de forma cronológica e única, suas certezas eram adquiridas e desmontadas e reelaboradas ao longo da sua obra.

Ao escutar as mulheres deu posse aos fenômenos sociais de sua época. Procurou relatar sobre a Feminilidade, tabu até então para sua época, colocou os indivíduos como sujeitos de seus próprios destinos, e trabalhou sobre as limitações impostas às mulheres.

Freud ao escutar o conflito, não conseguia se afastar muito no seu tempo, denotando uma profunda relação com a somatização temporal do seu século.

Será que o discurso Freudiano está defasado em certos pontos ou a flutuação de recondicionamentos da lógica secular até o século seguinte foi suficiente para mascarar a mensagem original? Então elementos como a afetividade pela razão, a erotização do feminino, o recalcado, a libido, o narcisismo, são de fato estruturas variantes da interpretação do analista com o tempo?

Ao escutar as inquietações humanas o analista é capaz de inserir sobre o mal da civilização. O ser humano é observado como um ser de linguagem própria e definida. A mulher como novas possibilidades de interação. Então o analista não pode adotar uma postura doutrinária e/ou conservadora, pois estará introspectando sobre o indivíduo-paciente noções subjetivas de seu contencioso civilizatório em que a análise poderá sofrer um viés pela simples transferência psíquica do pensamento do analista sobre o paciente.

É preciso oferecer as ferramentas da clínica contemporânea para romper as fronteiras da incompreensão da teoria com a prática.

A depressão é um fenômeno relativo ao mal do século XXI, isto graças a uma cultura de uso abusivo de antidepressivos. Até que ponto esta cultura serve como pretexto a mover uma estrutura de laboratório para a produção de medicamentos? Até que ponto somente o uso da psicanálise é capaz de romper o elo depressivo ao tentar pacificar a mente do indivíduo com aquelas introjeções necessárias para o seu reequilíbrio psíquico?

Em 1884 quando Freud escreveu sobre Neuropsicoses de Defesa – o Eu registra a representação como se ela jamais tivesse ocorrido projeção como mecanismo de defesa da paranoia.

O estudo da paranoia em 1911 trouxe relatos de estudo de caso sendo possível fazer uma interligação do delírio como uma tentativa de cura, ao inspirar quem se dedica ao tratamento de psicóticos.

Dias enfatiza que é preciso ir além da poltrona do divã para entender e construir uma ponte entre o delirante e o mundo. A metáfora ainda que precária permita a relação com o mundo. Defrontar com o desmoronamento do psiquismo com o mundo.

Paim Filho questiona sobre o que nossa identidade contemporânea precisa seguir de Sigmund Freud?

Relembra o Escritor e estudioso de psicanálise que antes de Freud desenvolver os laços concretos do mundo analítico ele desenvolveu 25 artigos neurológicos.

Tem-se sobre a Feminilidade e Psicose o que Freud nos deixou como desdobramento de seu legado. Uma obra que foi sendo reinventada desde sua origem. Pensando e deixando coisas para os psicanalistas em que nutri suas preocupações doutrinárias.

Ao refletir sobre o analista, Freud, busca encontrar quanto ao limite dos processos, qual a finalidade da análise e o alcance da psicanálise. Os estudos Freudianos foram centrados sobre os alicerces da Bissexualidade, onde o autor tentou o tempo todo compor os aspectos que levavam os indivíduos a representarem sobre si as funções inerentes aos aspectos do Masculino e do Feminino.

Ao visualizar a sexualidade infantil Freud foi capaz de perceber como um elemento necessário ao processo de fundição do sujeito na elaboração do seu aparato psicológico a se cristalizar em sua fase adulta. Assim ao relacionar fatos Freud afirma que a sexualidade é construída pela psicobissexualidade ao visualizar a relação em que o aspecto masculino é de configuração ativa e o feminino passiva.

O analista que não tem intimidade com o feminino não tem capacidade de gestar a sua própria análise.

Em 1925 Freud formulou a pergunta sobre o que levaria a querer uma mulher? Um dos muitos ápices de sua genialidade. Mas qual será a resposta a não ser que uma construção a ser recodificada e reconstruída e reinventada quando as condições se alterarem? O que torna uma pessoa homem ou mulher? É necessário conhecer e construir na essência o complexo de Édipo (1887).

Até 1914 Freud trabalhava com signos ao compor estruturas de pensamento através de método de pares de opostos, em que um elemento projetivo de uma linha de argumentos não permitia a inserção da característica sobre duas linhas de pensamento consideradas pelo autor como antagônicas.

A partir desta data ele passou a observar que determinadas características poderiam vir correlacionadas dentro de estruturas duais. Assim o que era possível encontrar na neurose também era possível ser identificado na psicose. Também a partir do narcisismo ele se viu obrigado à reformulação de sua técnica. A matéria prima é a mesma a diferença é uma questão de intensidade.

Mas em que linhas se dão tais construções? Um analista tem duas grandes ferramentas de trabalho: interpretações e construções da inconsciência.

Tem elementos que um sujeito não vai lembrar e tem coisas que são mais subjetivas que precisam do uso de outras técnicas. É preciso se atentar para a construção do que é arcaico ou primitivo.

É necessário medir a partir de um ponto de apoio no universo em relação ao mundo. O livro Construção em Análise é o ponto de apoio para o homem contemporâneo.

Quando se fala que o homem atual é vazio está se pensando em termos de estímulos que nutrem o seu desejo que o permite se deixar afetar pelo mundo.

Existe uma memória em que o recalque não permite memorar. A memória sem lembrança seu conteúdo transformado exige um tempo possível para que a transformação do fato tenha repercussão sobre o psíquico de um indivíduo.

Ao fazer uma analogia com a escultura e a pintura trazida a relação do mundo das artes, Freud é capaz de explicitar a comparação direta da psicanálise como sendo uma arte responsável por tirar os excessos das pessoas, por meio em que a representação do escultor estar em lapidar a pedra para que a obra seja concluída.

Mas quando Freud tem contato com o caso célebre chamado HOMEM DOS LOBOS, foi capaz de se aperceber que o analista é também capaz de agir pela impressão de estigmas por sobre o paciente, como a um pintor que é capaz de imprimir sua interioridade sobre uma tela que esteja compondo. Assim o analista é capaz de construir algo objetal a partir de seu inconsciente sobre a percepção do indivíduo-paciente.

Mas desta relação surge o paradoxo de determinar o que legado a ser do analista ou do paciente? Mas para a geração de um sentimento de aceitação a construção do analista soa como algo bem aceito dentro do movimento psicanalítico, pois é capaz de reduzir a relação de conflito em que o paciente foi capaz de desenvolver dentro de si.

Porém a precaução quanto ao desdobramento do método é não fazer da função de analista como uma ferramenta para transformar o homem-paciente uma imagem e semelhança de quem lhe faz a análise.

O analista necessita ser abstinente em termos de neutralidade de seu paciente. Isto está afeto diretamente à forma do analista se comportar no lugar de trabalho. Na neutralidade total e não identificação com a vida do paciente dentro da estrutura moral do analista.

Então o analista deve estar atento para significar o quanto é capaz de receber algo, transformar e significar para si. A psicanálise deve se voltar para o olhar clínico e para a cultura. Se a cultura é assim, a conclusão do analista pode chegar a conclusão de inserção no contexto patológico. E será que este processo de identificação pode resultar em uma perspectiva de geração de conflito entre o analista em termos de sua significação com o paciente?

Então o analista é como um estrangeiro capaz de garantir uma significação própria porque sua linguagem distingue do indivíduo-paciente, e ao entrar no mundo do paciente é capaz de submergir e observar em que se concentra o desnível do inconsciente e orientar a percepção do indivíduo para que a alocação de sua memória favoreça as noções de equilíbrio necessárias para o pleno desenvolvimento psíquico de uma pessoa. E ao sair do mundo fetal do seu paciente, tem este analista sua identidade preservada porque sua língua distingue do idioma de seu paciente e é capaz de não se deixar afetar pela vida de quem ajudou a recuperar o equilíbrio.